

DESEJOS SILENCIADOS

Miriam Chnaiderman
Instituto Sedes Sapientiae.
Psicanalista, documentarista, ensaísta.
Tem dois livros publicados,
“Ensaio de Psicanálise e Semiótica”(ed. Escuta, 1989)
e “O hiato convexo: literatura e psicanálise” (ed. Brasiliense, 1989).
Tem publicado em várias revistas e coletâneas.
Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUCSP.
Doutora em Artes pela Escola de comunicações da USP.
chnaide@uol.com.br

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Chnaiderman M. (2019) DESEJOS SILENCIADOS
Intercambio Psicoanalítico 8 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

DESEJOS SILENCIADOS

Miriam Chnaiderman ¹

¹ Instituto Sedes Sapientiae. Psicanalista, documentarista, ensaísta. Tem dois livros publicados, “Ensaio de Psicanálise e Semiótica”(ed. Escuta, 1989) e “O hiato convexo: literatura e psicanálise” (ed. Brasiliense, 1989). Tem publicado em várias revistas e coletâneas. Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUCSP. Doutora em Artes pela Escola de comunicações da USP. E mail: chnaide@uol.com.br

Resumo

A partir do relato de violências que fazem alguns personagens do documentário “De gravata e unha vermelha” (2014, 84 min., São Paulo) procura-se refletir sobre o que move nessa delicada interface entre cultura e a subjetividade. Dados assustadores em relação a assassinatos de travestis no Brasil mostram o quanto assumir o desejo – que sempre levaria ao questionamento do binarismo de gênero – explicita o atordoamento que acompanha toda de qualquer sexualidade. Propondo o retorno a Freud de os “Três ensaios sobre a sexualidade” para pensar essas questões, utiliza-se como referencial teórico o texto de Nathalie Zaltzmann que nos fala da ausência de código para o encontro sexual.

Palavras chave: Desejo – violência – travesti – binarismo de gênero

Taís

Porque enquanto eu penso que sou dona do meu corpo, eu não sou, o Estado é que é dono do meu corpo. Ele que vai decidir por mim. E quando eu decido que eu tenho que aplicar silicone, botar prótese, e cortar o meu pênis, o Estado diz que eu não faço parte dessa sociedade que eu tenho que estar. E a sociedade que tá no meio vai me repudiar por quê? Porque eu sou uma aberração? Eu tou indo contra os princípios religiosos. Eu sou algo que não era pra existir.

Essa é uma das falas de Taís, personagem do documentário “De gravata e unha vermelha” (Chnaiderman, 2014) que dirigi. Nesse filme, os personagens escolheram viver seu desejo e seu corpo de forma singular não obedecendo aos cânones binários do mundo em que vivemos.

O grupo Generidades, do Departamento de Psicanálise, assim se refere ao filme:

“O impacto que o filme da Miriam nos provoca é sempre o de uma certa vertigem.

Acompanhamos ali, em imagens e depoimentos, o quanto as possibilidades de construção de um corpo “para chamar de meu” e os percursos do desejo são múltiplos, singulares, rebeldes a qualquer discurso que busque enquadrá-los na lógica simplista binária que se apoia na biologia para justificar práticas sociais de opressão e apagamento de todos aqueles que não se encaixam na cisheteronormatividade”.

A idéia do filme veio da leitura de uma entrevista com a cartunista Laerte, que aos 60 anos, assumiu-se mulher. Já era uma figura pública e, corajosamente, passou a aparecer vestida como mulher nas várias entrevistas que concedeu. Fiquei encantada com a sua liberdade. Laerte publica diariamente suas tirinhas no jornal “A Folha de São Paulo”.

É do grupo de Glauco e Angeli. Fez parte de todo um movimento que nos anos 70 manifestava-se politicamente através das histórias em quadrinho. Nas mãos desse grupo de cartunistas a contra-cultura aparecia como oposição à ditadura e forma política de contestar o institucionalizado. Em uma entrevista a Ivan Finotti, na Folha Ilustrada (Finotti 2010) afirmava: O travestimento é uma questão de gênero, não de sexo... O que tenho descoberto é que isso é muito arraigado, essa cultura binária, essa divisão do mundo entre mulheres e homens é um dogma muito forte. Não se rompe isso facilmente. Desafiar esses códigos perturba todo ambiente ao redor de você."

No filme Laerte conta:

Eu passei muitos anos realmente me construindo de uma forma que eu considerava masculina. O tempo que eu era comunista, e tudo, eu não permitia, não abria muito espaço para me ver como homossexual, como qualquer outra coisa que não fosse...

Essa fala de Laerte fala de uma das formas de violência que nossa cultura exerce ao cercear o desejo. Tristemente, Laerte aqui refere-se ao preconceito que a esquerda sempre teve em relação à homossexualidade. Em relação a formas não institucionalizadas de desejo.

Johnny Luxo, outro personagem do filme, faz o seguinte relato:

Eu sempre fui gay desde criança, assim, com sete anos de idade eu já tinha total consciência de que eu era gay, de que eu gostava de meninos e que tava tudo bem pra mim, não tinha problema nenhum, o problema na verdade eram os demais a minha volta, então eu comecei a ter muito problema na escola, no primário, que as pessoas já me olhavam meio diferente, os meninos às vezes vinham com umas perguntas meio estranhas, do tipo você é menino ou menina? Porque assim, eu tenho traços ligeiramente femininos. Quando eu era criança isso era um pouco mais acentuado, enfim, até aí tudo bem também né? O drama na verdade era quando a diretora da escola chamava os meus pais pra conversar, e daí eu pensava gente porque não chamam os pais dos outros, porque na verdade o única que se fudia era eu.

Outro depoimento de Johnny, aterrador:

Eu já tava praticamente acabando o terceiro colegial. Eu estudava no Objetivo da avenida paulista e ali foi o ápice do ápice do ápice do bullying. Eu lembro que todo dia que eu saía andando da escola você tinha que descer a escadaria da Gazeta e aí é onde ficava todo mundo reunido pós escola. Eu lembro que uma vez teve uma gritaria, que um menino que me odiava, não sei porque não me pergunte porque eu nem conheço esse menino, aí o menino começou a me xingar, puxou um coro bicha! Bicha! Bicha! Bicha! E aí eu me lembro que me virei pra trás pra ver da onde tava vindo o zumzumzum e na hora que eu virei ele cuspiu e caiu cuspe na minha cabeça, assim, bem na minha cara.

Sempre me indaguei sobre a violência de nosso mundo em relação à homossexualidade. Penso que no desejo vivido entre pessoas do mesmo sexo, escancara-se o quanto a sexualidade não tem nada a ver com a reprodução. É o desejo que move e apenas o desejo. Daí a violência. O Brasil é campeão em assassinatos de travestis, homossexuais e transexuais, sendo que esse número foi o maior nos últimos dez anos. Baseio-me em dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais de 2017, conforme publicação de 25 de janeiro de 2018, assinada pela repórter Helena Martins da Agência Brasil Brasília. Consegui essa informação no site Sem Censura.

Reproduzo aqui a notícia de fevereiro de 2017:

Era dia e pessoas passavam enquanto pelo menos três homens espancavam Dandara dos Santos, 42 anos. A violência vivida ao longo de toda uma vida chegou, em uma rua do bairro Bom Jardim, na periferia de Fortaleza, ao máximo. As cenas foram registradas em vídeo pelos próprios algozes. As imagens, que ganharam as redes sociais um mês depois do fato, foram interrompidas antes do ato final da sessão de tortura: os tiros disparados contra Dandara.

Dandara era travesti. No vídeo, o motivo do assassinato é gritado pelos homens, que zombam de sua condição e demonstram intolerância. A causa foi posteriormente confirmada pela polícia cearense.

O caso ilustra tantos outros que ocorrem no Brasil. De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), apenas em 2017 foram contabilizados 179 assassinatos de travestis ou transexuais. Isso significa que, a cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada no Brasil. Em 94% dos casos, os assassinatos foram contra pessoas do gênero feminino.

Os dados são detalhados no Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017, lançado nesta quinta-feira (25), pela Antra, em Brasília.

Bruna Benevides, autora do estudo afirma:

É como se os corpos dessas pessoas que desafiam as normas tivessem que ser expurgados da sociedade. E é isso que a sociedade tem feito”.

O relatório destaca que o número de assassinatos em 2017 é o maior registrado nos últimos 10 anos. Apenas entre 2016 e 2017 houve um aumento de 15% de casos notificados. A organização aponta que a situação mantém o Brasil no posto de país onde mais são assassinados travestis e transexuais no mundo. Em segundo lugar está o México, com 56 mortes. A comparação é feita tendo como base os dados da ONG Internacional Transgender Europe (TGEU).

Aqui os dados são escancarados. Mas, há violências sutis, que passam pela publicidade, pelo dia a dia. No decorrer do documentário, as pequenas violências cotidianas vão aparecendo. Transcrevo aqui o depoimento de Letícias Lanz, que era Geraldo Eustáquio, nome que faz questão de manter:

Então eles queriam que eu representasse um papel que não dava certo comigo, né? Eles queriam que eu brincasse de carrinho e eu queria brincar de boneca e a minha avó foi a única pessoa que teve sensibilidade pra isso. Ela me deu uma boneca, brigou com a família inteirinha pra eu ter aquela boneca, e o curioso é que a boneca era naquela época, era um material que chamava celulóide, e eu resolvi lavar a boneca, e ela se dissolveu na água. Meus pais ficaram numa alegria que cê nem imagina. Eu chorei três anos por causa da boneca, que nunca mais eu tive uma. Como nós, psicanalistas, pensamos essas questões? Quais instrumentos teóricos temos? Há cerca de quatro anos atrás, na França, vimos os psicanalistas divididos, alguns claramente posicionados contra o casamento gay e a adoção de crianças, em um terrível uso da teoria lacaniana, e outros afirmando a radicalidade do desejo tal como foi pensado por Freud.

Em texto elaborado pelo Grupo Generidades do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, é Freud, do “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, de 1905 que é recuperado. Afirmam: Gostaríamos de recuperar aqui a força desse texto sem deixar de lado os aspectos atrelados ao contexto sócio histórico que, de certa forma, puderam ser repensados ao longo dos anos. Passados mais de cem anos da publicação do texto de 1905, acompanhamos nas sociedades ocidentais grandes mudanças em relação às escolhas individuais, aos caminhos dos desejos, quer estes sejam nas vivências dos papéis de gênero, nas novas configurações familiares ou nas escolhas dos parceiros amorosos. Esse texto, porém, ainda nos parece muito potente e atual no sentido de marcar a constituição do psiquismo entrelaçada com o caminho da sexualidade. Nele Freud afirma a sexualidade infantil como o percurso através do qual nos constituímos enquanto seres sexuados e construímos nossa maneira de estar no mundo. A partir desse texto podemos pensar na capacidade simbólica e criativa dos seres humanos que nos permite buscar e construir os caminhos possíveis para dar conta das intensidades e dos enigmas inerentes ao corpo que, por estar imantado pela presença de um outro, já não é regido pelo campo do instinto”. Essa abertura para a alteridade nos caracteriza como psicanalistas. Esse corpo de mil sexos é o corpo da psicanálise.

Vários psicanalistas questionaram o quanto a ideia de gênero caberia ou não como conceito. Como se Freud não tivesse se indagado sobre a Kulturarbeit, o trabalho da cultura em nossa subjetividade.

O grupo Generidades toma como parâmetro as “considerações de Eduardo Leal Cunha quando propõe pensar nas questões que os sujeitos trans e a teoria quer colocam à psicanálise, não para compreender o que se passa com tais sujeitos ou buscar soluções para o que eventualmente possamos entender como um problema, mas “para nos darmos conta de eventuais sintomas que dizem da psicanálise e suas práticas no contemporâneo”.

Sim! O que fazemos nós com todos esses dados? Prendemo-nos em concepções familialistas ou abrimo-nos para o que o desejo propõe?

A verdade é que, nessa violência cotidiana e muitas vezes no limite, algo que é da nossa relação com a sexualidade se explicita. Nathalie Zaltzman, no seu ensaio "Do sexo oposto" (ZALTZMAN, 1999) inserido na coletânea Diferenças Sexuais (CECCARELLI (org), 1999). Citando Zaltzman: "Em termos freudianos, a função sexual e o sexo são, para o Ego, um escândalo inaceitável, uma tal ameaça à sua integridade narcísica que ele nada quer saber a seu respeito..." (p. 103)

Zaltzman vai acompanhando o percurso freudiano mostrando como aquilo que inicialmente parecia solidamente estabelecido, a clara diferença entre o feminino e o masculino, no texto "Análise terminável e interminável" acaba se transformando em masculino-feminino/ recusa do feminino.

A partir da afirmação da inexistência de fantasmas especificamente masculinos ou femininos, Zaltzman conclui que "o inconsciente não adquire distinção alguma estável e decisiva da diferença dos sexos, pelo contrário, a característica dominante da polaridade sexual está em sua plasticidade". (p. 105)

A tese principal de Natalie Zaltzman, é que não há, para a relação sexual, qualquer código pré-estabelecido: "Não há apoio prévio, genético, histórico, não há inscrição primeira do ato sexual. É um acontecimento que não possui prefiguração inconsciente". (p. 109)

Observa que "nos edifícios metapsicológicos de Freud, nenhum lugar, nenhum conceito, nenhuma alusão marcam o lugar do ato sexual na realidade psíquica. Diferentemente das pulsões parciais e das configurações inconscientes que conotam seu trabalho psíquico, nenhuma formulação teórica vem delimitar uma correspondência, uma determinação, uma ponte, um elo entre o ato sexual e a vida psíquica, exceto a teoria, sempre abandonada, apesar de nunca completamente, da neurose atual e do trauma, caracterizadas justamente por uma suspensão do trabalho psíquico!". (p. 109)

Na violência contra travestis, homossexuais e transexuais, é atuada a insuportabilidade de todo e qualquer ato sexual. Há uma falência no desejo que se explicita nessa violência. Essa delicada interface entre a subjetividade e a cultura se faz presente necessariamente nessa sexualidade que se escancara na violência.

Bibliografia

CHNAIDERMAN, M. (2014) De gravata e unha vermelha - documentário, 84 minutos. Distribuidora Imovision

FINOTTI, I. (2010) Cartunista Laerte diz que sempre quis se vestir de mulher" Folha Ilustrada 4/11/2010.

MARTINS, H. (2018) site Sem Censura, 25 de janeiro de 2018

ZALTZMAN, N. (1999) "Do sexo oposto" in Diferenças Sexuais, CECCARELLI (org.), SP, Ed. Escuta. (pp 89-120)